



AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



A Arte na Idade Média

Arte Românica



Michelle Coelho Salort

MICHELLE COELHO SALORT

A ARTE NA IDADE MÉDIA: ARTE ROMÂNICA

1^o edição

Rio Grande
Edição do Autor
2018

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações concedidas pelo autor

S175a Salort, Michelle Coelho

Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : A Arte na Idade Média – Arte Românica. / Michelle Coelho Salort. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. do autor, 2018.

8 p. ; il.
Inclui bibliografia.

1. Civilização Romana. 2. Arquitetura Românica.
3. História da Arte. I. Título

ISBN 978-85-924816-6-7

CDD 722.8

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

ARTE ROMÂNICA

Com a mudança da capital de Roma para Constantinopla, houve uma cisão no Império Romano, que foi dividido em duas partes: Ocidente e Oriente. O território, dividido e enfraquecido belicamente, foi um cenário propício para as constantes invasões por povos bárbaros, que, finalmente, tomaram e se estabeleceram nesse território. Esses povos, agora em sua nova terra, aderiram à estrutura da fase final da civilização romana cristã, que, por sua vez, constituíram novos reinos e dinastias. No norte germânico, o reino dos francos aspirava por um status de poder imperial, assim, o Papa conferiu a Carlos Magno o título de Imperador do Ocidente em 800 d.C. (JANSON; JANSON, 1996)

A corte de Carlos Magno se tornou o centro cultural do Império Carolíngio com uma academia literária e oficinas para a confecção de objetos de arte e manuscritos ilustrados (Figura 01), porém, nenhuma obra monumental é registrada neste período. Com a morte de Carlos Magno, em 814, a corte perdeu o status de centro cultural e suas atividades intelectuais ficaram confinadas aos mosteiros como a produção de manuscritos, a arquitetura, a pintura, a ourivesaria, a cerâmica, entre outras

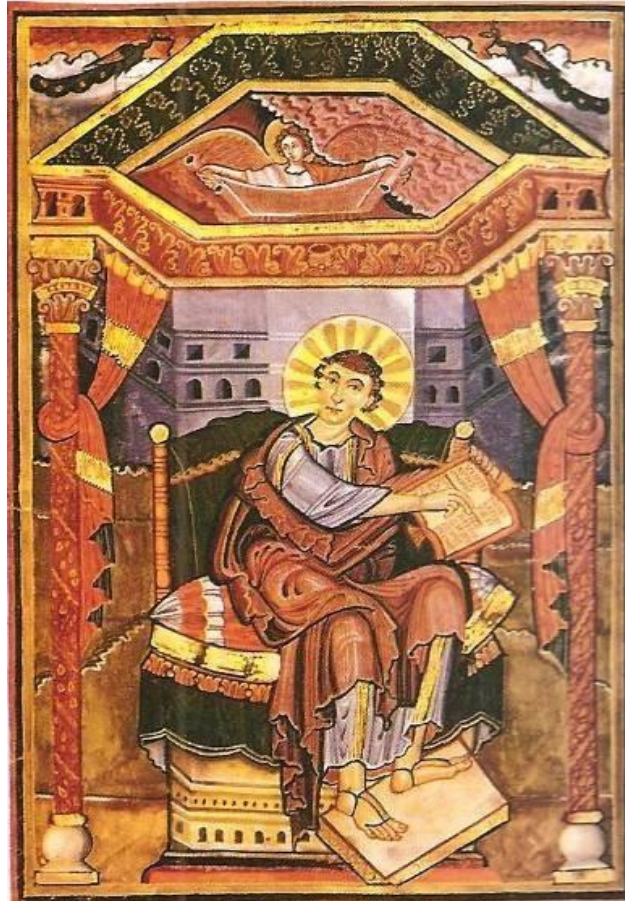


Figura 01. *São Mateus Evangelista em miniatura da corte carolíngia. 800 d.C*

Fonte:

<http://historiadaartefersuneg.blogspot.com.br/2013/05/>

Foi nessas oficinas que os artistas redescobriram a arte greco-romana, que, mais tarde, influenciou um novo estilo arquitetônico, o *românico*, que recebeu este nome por ser semelhante às construções dos antigos romanos, principalmente por usar o arco pleno de origem romana.



Figura 02. *Abóboda de berço.*

Fonte [http: historiadaartefersuneg.blogspot.com.br/](http://historiadaartefersuneg.blogspot.com.br/)



Figura 03. *Abóboda de aresta*

Fonte [http: historiadaartefersuneg.blogspot.com.br/](http://historiadaartefersuneg.blogspot.com.br/)

As igrejas românicas ficaram conhecidas como “fortalezas de Deus” (PROENÇA, 2010), pois eram grandes e sólidas; não eram muito altas e tinham como características a utilização da abóboda (tanto de berço quanto de aresta - Figuras 02 e 03) - pilares maciços, paredes grossas e janelas estreitas.

VOCÊ SABIA?

Uma das igrejas mais conhecidas deste período é a Catedral de Pisa, na Itália. Hoje um dos pontos turísticos mais visitados do planeta

O conjunto da catedral de Pisa (Figura 04) teve influência da arte greco-romana e usa frontões e colunas; sua planta é em forma de cruz com uma cúpula sobre o encontro dos braços. O conjunto foi construído em três partes: a Catedral, o Campanário (onde ficam os sinos) e o batistério (onde fica a pia batismal). O Campanário é o elemento mais famoso do conjunto, pois o terreno onde se encontra a torre foi cedendo e o mesmo foi inclinando (Figura 05) .



Figura 04. *Catedral de Pisa*, 1063, Itália.

Fonte: <http://www.opapisa.it/en/>

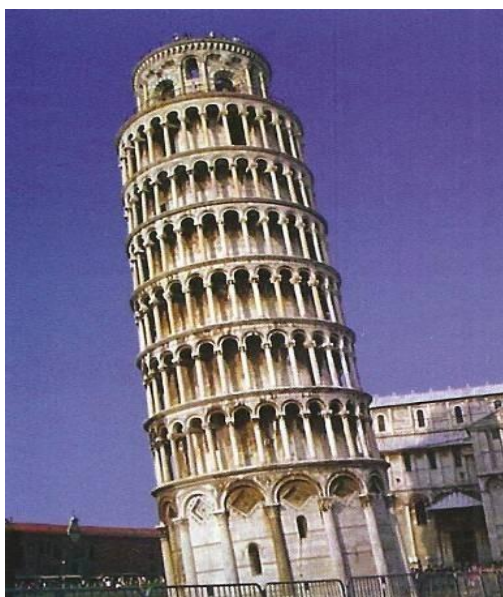


Figura 05. *Campanário da Catedral de Pisa*, 1174, Itália.

Fonte: <http://www.opapisa.it/en/>

“Uma imagem vale mais que mil palavras”,
Confúcio, s/d.

Nesse momento, a arte assume uma função de ensinar por meio das imagens aquilo que estava escrito na bíblia para quem não sabia ler, afinal, conforme o filósofo Confúcio, “uma imagem vale mais que mil palavras”, e a religião soube muito bem como aplicar esse pensamento. Assim, a escultura e a pintura assumem uma função evangelizadora.

No relevo das portas da catedral de Hildesheim (Figura 06), é possível observar como a arte tinha uma função didática e narrativa; na imagem, Deus aponta para Adão, que por sua vez, joga a culpa em sua companheira, Eva; a mulher de Adão, por sua vez, aponta para a serpente que está a seus pés em forma de dragão. É possível observar que um joga a culpa no outro em uma imagem narrativa (JANSON; JANSON, 1996).



Figura 06. Adão e Eva depois da Queda, detalhe do relevo da porta da catedral de Hildesheim, Alemanha, 1015.

Fonte: PROENÇA 2010

O portal das igrejas românicas, mais precisamente no tímpano (parede semicircular que fica sobre a porta), era um local ideal para as histórias narradas em pedra. O tímpano de portal de Saint-Pierre (Figura 07) enfatiza um conjunto de figuras, “Cristo em Majestade”, exatamente como é narrado por São João Evangelista no Apocalipse (PROENÇA, 2010).



Figura 07. Tímpano de portal de Saint-Pierre, França, século XII.

Fonte: <https://www.nantes-tourisme.com/fr/patrimoine/cathedrale-saint-pierre-et-saint-paul>

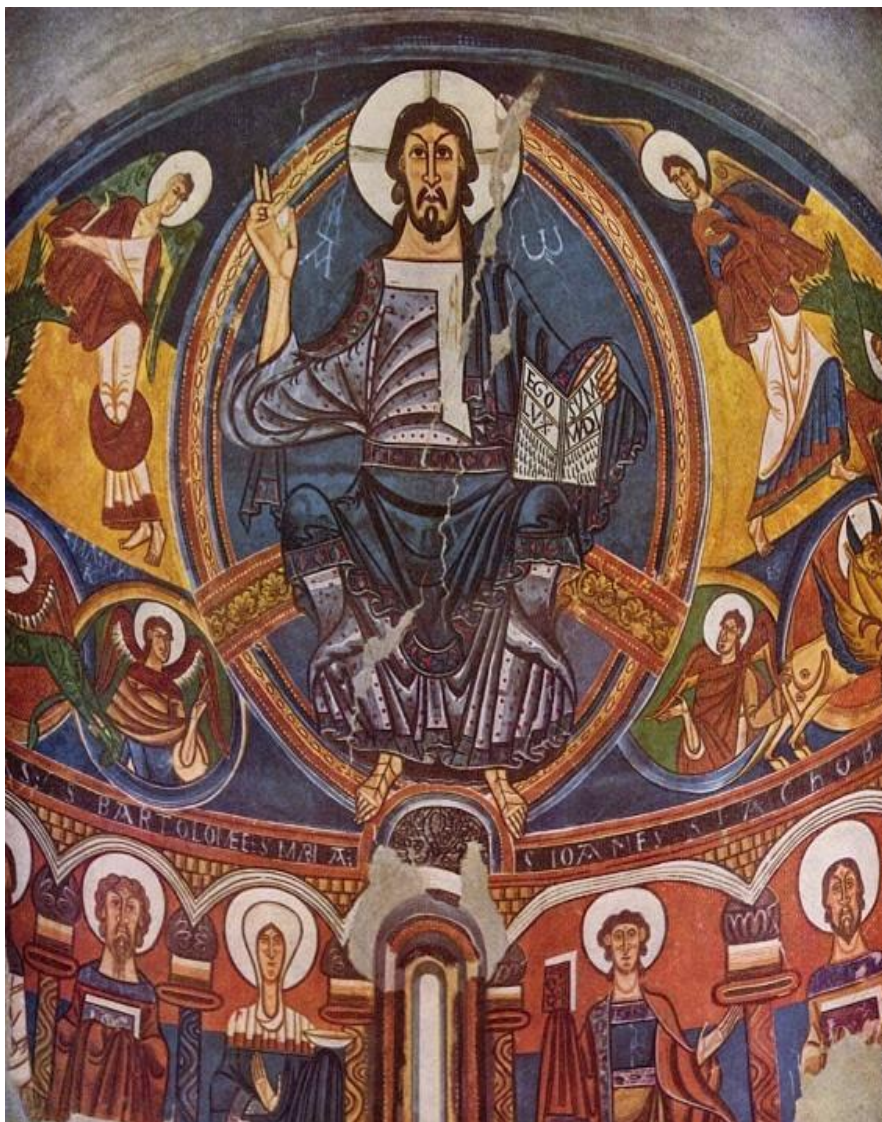


Figura 08. *Cristo em Majestade*, Clemente de Tahul, Espanha, 1123.

Fonte: <http://www.museunacional.cat/ca>

Como a arquitetura românica não permitia janelas muito grandes, uma vez que, para sustentar o teto de pedra (a abóboda), era necessária uma estrutura forte e sólida, essas igrejas apresentavam paredes espessas, o que, por sua vez, influenciou a produção de pintura mural, cuja técnica era o afresco (ver conteúdo sobre arte romana).

Nas pinturas românicas, os motivos eram sempre de cunho

religioso e seu objetivo era narrar as histórias bíblicas. As características essenciais eram a *deformação* e o *colorismo*. A deformação intensificava os sentimentos religiosos e a interpretação da realidade; Cristo era sempre maior do que as demais; eles exageravam no tamanho do braço e da mão para enfatizar o ato da benção; os olhos abertos e expressivos intensificavam a vida espiritual. Já o colorismo era ressaltado no emprego de cores chapadas, ou seja, sem meios-tons e uso de luz e sombra (Figura 08). Com estas características, fica evidente que seu objetivo não era imitar a natureza (PROENÇA, 2010).

Os manuscritos ilustrados seguiam as mesmas regras da pintura, e as ilustrações ou iluminuras serviam para narrar com imagens o que estava escrito no texto. Os primeiros manuscritos eram feitos em rolos de papiro (Egito e Roma), entretanto, o papiro, não era um material ideal para receber uma imagem pintada; além disso, o ato de enrolar e desenrolar poderia facilmente causar danos à pintura. Assim, os manuscritos da Idade Média eram feitos em códices de pergaminho ou velino (pele de boi ou de vitela curtida e cortada do tamanho do livro). As páginas do códice ou velino eram presas em uma das extremidades, da forma que conhecemos hoje por encadernação. O trabalho era feito em várias etapas: primeiro, os copistas escreviam os textos e deixavam espaços para os títulos, as letras capitulares e as iluminuras, depois, era a vez do artista que transformava as páginas em obras de arte (Figura 09).

As iluminuras, como as ilustrações ficaram conhecidas, eram feitos exemplares. Trabalho semelhante pode ser encontrado na Biblioteca Rio-Grandense.



Você conhece a Biblioteca Rio-Grandense? Ela é um tesouro, que guarda muitos outros tesouros em seu interior. Atualmente, a biblioteca está localizada em um prédio em estilo neoclássico, situado na Rua General Osório, esquina com a General Neto

VISITE-A!

Figura 09. *Book of the Kells*, 760-820 d.C.

Fonte: <https://www.tcd.ie/visitors/book-of-kells/>

A Biblioteca Rio-Grandens é um tesouro, que guarda muitos outros tesouros em seu interior. Ela foi fundada por João Barbosa Coelho, em 1846, inicialmente como um Gabinete de Leitura, e só mais tarde passou a se chamar Biblioteca Rio-Grandense. Atualmente, a biblioteca está localizada em um prédio em estilo neo-clássico, situado na Rua General Osório, esquina com a General Neto; são cinco andares repletos de livros, mas de 400 mil volumes e muitas obras raras. Entre elas, há uma edição da obra *Os Lusíadas*, do português Luís Vaz de Camões, datada de 1880 (Figura 10).



Figura 10. Adolf Gnauth, Chromo-tipo para a obra *Os Lusíadas*, 1880.

Fonte: Biblioteca Rio-Grandense



Figura 11. *Book of the Kells*, 760-820 d.C.

Fonte: <https://www.tcd.ie/visitors/book-of-kells/>

O livro é todo ilustrado e apresenta trabalhos que se aproximam muito das antigas iluminuras.

Porém, são feitos em chromo-tipo ou cromolitografia, em que as obras mais refinadas conseguem uma boa impressão, aproximando-se do efeito de pintura. No quadro a seguir, é possível fazer uma comparação entre uma iluminura e uma ilustração presente na obra de Camões (Figuras 11 e 12).

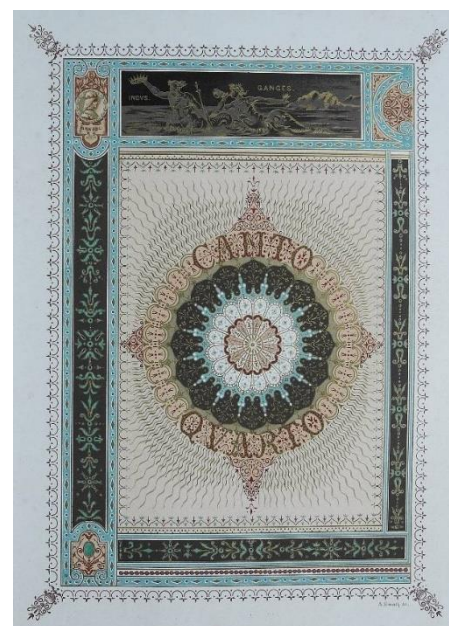


Figura 12. Adolf Gnauth, Chromo-tipo para a obra *Os Lusíadas*, 1880

Fonte: Biblioteca Rio-Grandense

Referências

GOMBRICH, E.H. *A história da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
JANSON, H.W; JANSON, A.F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.
_____. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2010.
STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada – Da Pré-história ao Pós-Moderno*. Trad. Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Sites

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:KellsFol292rIncipJohn.jpg>
<http://historiadaartefersuneg.blogspot.com.br/2013/05/a-arte-romanica.html>
<http://artepulsa.blogspot.com.br/2013/02/pinturas-romanicas-imagens.html>
<https://www.tcd.ie/visitors/book-of-kells/>